TRANSPOSIÇÃO: O OLHAR DO POVO E DO RIO

Ivo das CHAGAS 1
Rodrigo Herles dos SANTOS 2
Joycelaine Aparecida de OLIVEIRA3

RESUMO

Trata-se de um rio que nasce tímido e que aos poucos vai se tornando volumoso e extenso, resultado do encontro de águas e de povos. Misturando raças e culturas formando uma identidade de beira-rio "barranqueira". O rio São Francisco é considerado o mais brasileiro de todos os rios, descoberto no dia 04 de Outubro de 1501. É o mais extenso em todo território nacional, ocupa uma área de 640 mil Km^2 de extensão, nasce na Serra da Canastra no estado de Minas Gerais e em seu percurso banha mais quatro estados da Federação. Subdivide-se em três grandes regiões: alto, médio e baixo São Francisco. Rio que para muitos barranqueiros foi e continua sendo condição de existência/resistência material, sentimental e espiritual, caracterizado pelas lendas, pelo artesanato, pelas viagens e pelos amores ao longo de suas águas, pela beleza e pela poesia. Uma interação entre a cultura ribeirinha e processo de valoração do espaço vivido através da percepção e experiência, criando um elo sociedade-natureza na beira do rio, numa relação afetiva síntese de história de vidas e de águas. A relação do homem ribeirinho com o espaço do São Francisco compreendida a partir da cultura se constrói nos hábitos do dia a dia, nas formas de percorrer e viver o espaço. Com a rápida e progressiva mudança da sociedade, as tecnologias da informação e da comunicação se intensificam cada vez mais, modificando todos os espaços locais e globais, criando uma civilização dita moderna, em que beneficiam aqueles que a assimilam e marginalizam os que nela não tem condições de se adaptar, atravessando todas as fronteiras da ética lançando um redemoinho de infinita desintegração de luta e contradição, de ambigüidade e angustia e como disse Marx "tudo que é sólido desmancha no ar" (apud Harvey; 1992:21). A velocidade e a radicalidade da modernidade estão afastando progressivamente os ribeirinhos dos seus meios de reprodução sócio-cultural. Na primeira metade da década de 90, houve a materialização detalhada da transposição do São Francisco para o semi-árido setentrional, em nível de projeto básico exeqüível de engenharia, tornaram-se constantes as discussões públicas. As resistências à idéia sempre existiram. O conceito de transposição adotado no projeto, é o de transportar no seu sentido mais puro, águas de uma bacia hidrográfica, no caso a do São Francisco, para outras bacias, neste caso para os rios Jaguaripe (CE), Apodi (RN), Piranhas-açu (PB e RN), Paraíba (PB), Brígida (PE). Mas e o povo ribeirinho, o que pensa? Será que eles têm conhecimento amplo do processo? Impactos? Benefícios? E o ator principal, o rio, como fica? Este trabalho tem por finalidade discutir a transposição com o olhar do povo barranqueiro e do rio São Francisco. Fazer ouvir as múltiplas vozes do rio, os afetos, os trabalhos, a beleza e o encanto desse encontro de águas e de vidas.

EU SOU O RIO SÃO FRANCISCO[4]

Eu sou o São Francisco, o rio de todos os brasis, nome de santo, porque santo, também sou, semeando milagres nos meus quase três mil quilômetros de andança. Tenho meu berço nas altaneiras da Serra da Canastra, no Sudoeste das Minas que são Gerais, a mais de mil metros de altitude, em campos verdejantes, onde o Sol beija a terra e onde a

[1] Universidade Estadual de Montes Claros, Professor Mestre, ccnmgpirapora@yahoo.com.br
[2] Universidade Estadual de Montes Claros, rherlles@pop.com.br
[3] Universidade Estadual de Montes Claros, Joyce_sertão@yahoo.com.br
[4] Descrição poética do autor Prof. Ivo das Chagas em relação ao rio São Francisco

natureza do cerrado plantou seus mais belos jardins. Minhas cabeceiras são ornamentadas por tapetes de gramíneas e ciperáceas, por miríades de velozias, orquídeas, pepalantos de flores sempre vivas e centenas de outros viventes, vegetais e animais, como lobo guará, o tamanduá bandeira, o tatu, o veado, o gavião, o carcará, a ema e seriema tudo e todos a homenagear as minhas nascentes, num endemismo que faz a raridade e a beleza sua morada, onde as musas esvoaçam como anjos, inspirando poesias – paraíso dos que amam o belo e o inverso do lugar comum, divina festa para quem tem olhos para ver, alma para sentir e emoção para vibrar.

Tenho minha origem nas alturas, mas conservo-me humilde, como ocorre com todos os vocacionados para grandeza. Aqui sou apenas uma ressurgência, um olho d'água que se derrama serra abaixo, indeciso, ondulante, titubeante, como uma criança em seus primeiros passos. Logo além recebo o apoio de outras águas que, como eu, buscam os seus destinos, mas já servindo a outras criaturas. Ainda fragilizado deparo-me com o meu primeiro grande desafio – um desnível de cento e oitenta metros me obrigam a um mergulho sideral, com a coragem dos que tem missões a cumprir, com a decisão de ir em frente e da aos humanos um dos mais belos espetáculos cênicos de minha longa caminhada – a cachoeira Casca D'anta. Nesse salto belamente ornamental, aproveito para tomar um banho de oxigênio em beneficio de minha fauna e flora aquáticas, mas também dos que vem dessedentar-se nas águas límpidas do meu leito. Daí até Pirapora, a cidade da cachoeira do pulo do peixe, em busca do mar, chego a seiscentos e quarenta metros de altitude, num declive de oitocentos metros em relação a meu ponto de nascença. Nesse trecho, exibo várias e belas corredeiras e recebo alguns membros de minha sinfonia, como o Paraopeba e Rio de janeiro em minha banda direita e o Doce, na banda esquerda.

A cachoeira de Pirapora é outro espetáculo que a natureza me encomendou para emoldurar uma de minhas mais expressivas paisagens, deleite de meus viventes, quadro majestoso para os humanos sensíveis ao belo. Aqui, esculpi no arcósio belíssimas formas, como marmitas gigantes, graciosos canais e superfícies côncavas e convexas, à guisa de ondas em autênticas representações barrocas, cinzeladas pela força de minhas águas e pelos seixos que eu próprio burilei. O pulo do peixe, na língua dos povos nativos apesar da descaracterização que fizeram na cachoeira, como a quebra de rochas para a construção de uma ponte, que tenho de admitir, valorizou a paisagem, calçamento da cidade e construção do cais, ainda dá gosto ver-se o salto do peixe que, no período da piracema tenta subir as corredeiras em revoadas argênteas, num bailado que a todos encanta. Águas quebrando nas pedras, rebrilhando como diamantes, luares prateando as torrentes e deitares de sol resplandecendo ouro em todo universo visual, é sempre um convite para um abraço de seres humanos com seres humanos e deles com a natureza.

De Pirapora, em Minas, a Juazeiro, na Bahia, em mil e cem quilômetros de caminhada, tenho um desnível de apenas oitenta metros, operando o meu primeiro grande milagre, pois não me consta que outro rio de planalto tenha sido capaz da proeza de oferecer tão longo percurso navegável. Aqui caminho lento, tranqüilo, sereno, sem pressa, sem muita vontade de chegar oferecendo aos homens uma grande via de acesso até as proximidades do mar. Nesse trecho não sou capaz de contar as maravilhas e as grandezas que ponho à vista de todos. Água que dá para o mundo beber, praias brancas de áreas finas, dunas marginais diáfanas, barrancos majestosos, retões e curvas graciosas, matas ciliares com a mais variadas espécies, cerrados e caatinga que, não raro, vão até as barrancas, tudo alegrado pelas garças, mergulhões, João-bobos, quero-queros, quem-quens, saracuras, martins pescadores, jandaias, periquitos e araras que cruzam os céus a tagarelar, mas também lontras, ariranhas, jabotis, jacarés e capivaras, embora com muita tristeza confesso, hoje criaturas já muito raras.

CICLOS DE ÁGUA E DE VIDA

O rio São Francisco é considerado o mais brasileiro de todos os rios. Foi "descoberto" no dia quatro de outubro em mil quinhentos e um. É o mais extenso em todo o território nacional,

cuja bacia estende-se por seiscentos e quarenta mil quilômetros quadrados, equivalentes a 7,5% do território brasileiro, abrangendo cerca dois mil setecentos quilômetros de extensão. Nasce na Serra da Canastra e em seu percurso banha cinco estados da federação: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Divide-se em três grandes regiões: alto são Francisco (da nascente à Pirapora), médio são Francisco (de Pirapora a Sobradinho) e baixo são Francisco (de Sobradinho a foz).

Um rio que nasce tímido e aos poucos vai se tornando volumoso, grandioso, alegre e exultante, resultado do encontro de águas e de povos numa interação e numa harmonia que por muito tempo não foi conflituosa, fazendo historias, sustentando vidas, misturando raças e culturas. Rio que para muitos barranqueiros foi e continua sendo condição de existência material, sentimental e espiritual marcada não somente pela sobrevivência, mas também pelas lendas, pelo artesanato, pelas viagens e pelos amores ao longo de suas águas, por sua beleza e poesia. Uma integração entre a cultura ribeirinha e o processo de valoração do espaço vivido, através da percepção e da experiência criou-se um elo sociedade-natureza nas barrancas do rio numa relação afetiva síntese de histórias de vidas e de águas. Como diz seu Valdemar Barbosa de Curaçá na Bahia:

O rio São Francisco é a fonte da vida, porque lá é onde tá o peixe, onde tá a água, onde tá a fruteira, onde tá tudo, até a estrada(...) Lá já tá construído tudo dentro do rio São Francisco. Já ficou tudo completozinho: o peixe, ninguém dá alimentação a ele; a pista ninguém cuida dela; a água, ela é mandada por Deus, as plantações que se planta na beira do rio São Francisco, ela se cria por conta dela... onde existe rio, acontece é a fonte da vida, e é nós vivo. Se aquilo morrer, é nós morto. (seu Valdemar Barbosa)

Os sentimentos e as sensações são importantes para a percepção dos indivíduos que se humanizam, individualizam, dão cheiro, história pessoal e vida. Caracterizando o lugar numa interação com o vivido e o pensado. A relação de homens e mulheres ribeirinhos com o espaço do São Francisco compreendidos a partir da cultura se constrói nos hábitos do dia-a-dia, nas formas de viver o espaço no sertão do Norte de Minas, vivendo do rio, no rio e com o rio, traduzindo-se em múltiplas representações: nas musicas, nas danças, nas poesias, nas festas, nas lendas, nos trabalhos e nos olhares dos ribeirinhos de um rio vivo na memória e no coração, tudo herdado, construído e vivenciado.

E esse rio moça nos ajuda tanto, a gente lava roupa aqui, gasta pouco sabão. E a gente paga bem menos em água. Deus nos livre e guarde, de ficar sem ele um dia. A gente lava vasilha também, aría que se você olhar é igual um espelho. A água desse rio é milagrosa. (dona Maria de Fátima – Itacarambí/MG)

Daí a importância desse rio para as pessoas que vivem a suas margens, sendo fonte de vida. Pessoas que não se imaginam vivendo sem o rio, são interligados economicamente, simbolicamente e afetivamente.

Viva São Francisco

Viva são Francisco de toda grandeza,

retrato de cristo, é o pai da pobreza.

Senhora Santana, livrai-nos da peste,

da fome, da guerra e dê chuva na terra.

(...) Oh, meu padre são Francisco,

coluna da fortaleza,

“assuspende” o seu cordão,

se caio de fraqueza!

Um pão com dois peixinhos

“abranjou”o povo de cristo,

e esse pão foi repartido

co’s irmãos de são Francisco. (...)

(cantiga popular)

A vivência que o barranqueiro tem do sagrado e a sua permanente ligação com Deus, numa profunda interpretação que, embora dependa de cada indivíduo e do modo de se colocar na vida em um nível de experiência da pobreza, do encantamento e do respeito, têm o rio como um ser.

A lenda mais importante que nós temos aqui é o Caboclo d’Água. É um ente que o senhor não pode convencer nenhum barranqueiro que ele não existe. E acham que é preciso haver amizade entre eles – o barranqueiro, o barqueiro, o canoeiro – e o Caboclo d’Água. A arma dessa amizade é o fumo. Eles deixam num determinado local, certos de que o Caboclo irá apanhar. Aí, fica celebrada a aliança e ele viaja tranqüilo. Sem isso, vira barco, quebra barranco, encalha... isso é o Caboclo d’Água, perseguição dele. Globo Rural (1988)

Estórias que os trabalhadores criavam, na interação homem/rio nos seus afazeres cotidianos no espaço do rio, o barulho da água, o vento, a noite escura, as fases da lua, os peixes, motivavam invenções no imaginário das pessoas, traduzidas nessas lendas e mitos, como uma forma de explicação dos fenômenos que ocorriam naturalmente. Este é o São Francisco que o povo vê, que o povo sente e que o povo quer, mas não é o São Francisco que os senhores do poder vêem e sentem.

Figura 1, pode-se verificar a relação intima que o barranqueiro, mantém com o rio e desenvolvida pelos afazeres que são cotidianos, dessas comunidades a beira rio.

INTEGRAÇÃO E INTERAÇÃO DAS COMUNIDADES HUMANAS DO ALTO E MÉDIO SÃO FRANCISCO MINEIRO COM O SEU MEIO E SUA VISUALIZAÇÃO DO PROJETO DE REVITALIZAÇÃO

A ocupação de grande parte do interior do Brasil, já a partir do primeiro período colonial, se fez via rio São Francisco, principalmente pelo vaqueiro que, acompanhando o gado subiu o grande rio, fazendo com que ai se desenvolvesse um dos mais épicos ciclos econômicos do Brasil, o Ciclo do couro, cuja importância histórica na formação do povo do sertão só foi

vislumbrada pelo gênio do Capistrano de Abreu, tal como fez Euclides da Cunha em relação ao sertão nordestino.

Assim no Alto Médio São Francisco consolidou-se uma das mais ricas culturas do Brasil, resultante do português com os grupos indígenas do Nordeste, quem se encontraram com os bandeirantes que buscavam ouro e, mais tarde, com os portugueses, negros e mamelucos do ciclo da mineração. O relativo isolamento do grande sertão do São Francisco com as regiões de maior dinamismo sócio-econômico, terminou por criar uma verdadeira civilização, a civilização barranqueira, de aspectos culturais sui generis, de uma riqueza, de um multicolorido, de um sentir, de um pensar, de um conceber, de um fazer, mas sobre tudo de um relacionar-se com seu meio físico e cultural, completamente diferente das demais regiões do Brasil. Desta forma intervir na bacia do São Francisco é um equivoco, se não se conhece o valor deste rio para o seu povo, se não se conhecer os aspectos mais significativos desta verdadeira civilização, mas sobretudo se identificar o sentir e o ver das comunidades ribeirinhas em relação ao seu atual patrimônio ambiental e ao que ocorrerá com ele e com a sociedade face ao processo de transposição proposto pelo Governo Federal.

Identificar e analisar esses aspectos antropológicos e psico-sociais dessas comunidades evidencia ser o principal alicerce para o êxito de uma intervenção, na escala de grandeza e nas modificações ambientais que por certo ocorrerão com a revitalização do rio e com o resgate da dignidade de sua gente, que se espera seja maior objetivo do Projeto.

Por outro lado, há de considerar-se também que, do ponto de vista ambiental, da hidráulica e da hidrologia, o Médio e Alto São Francisco mineiro são os trechos mais significativos, pois aí são aportadas mais de 75% de toda à água da bacia e, portanto, onde se encontram suas áreas críticas, mas também as de maiores potencialidades para um desenvolvimento sustentável. Efetivamente, nessa área se encontram os grandes tributários de caráter permanente, em função de climas mais úmidos, a maior parte da população e a quase totalidade das atividades industriais e, portanto, dos fatores de maior perturbação ambiental.

Trata-se assim, do espaço geográfico mais sensível e determinante para estabilização da bacia e de seu equilíbrio, sendo que todo trabalho visando a reabilitação ou revitalização, ou ainda, o desenvolvimento sustentado, necessariamente, terá de ser começado nesse trecho.

Na primeira metade do decênio de 1990, com a materialização detalhada da transposição do São Francisco para o semi-árido setentrional, em nível de projeto básico exeqüível de engenharia, tornaram-se freqüentes e acirrados os debates públicos. As resistências à idéia sempre existiram, permeadas por preocupações com o estado socioambiental da bacia, mas também em decorrência de distorções intencionalmente moldadas e comentadas para alimentar desconfianças, conferindo a palavra “transposição” conotação mórbida em relação ao rio. O projeto de transposição visa retirar do São Francisco 26 m^3 de água por segundo e levar essa água através de canais e túneis para os rios: Jaguaribe(CE), Apodí(RN), Piranhas-açu(PB e RN), Paraíba(PB), Brígida(PE) no nordeste setentrional. Dois serão os pontos de capitação da água, conforme o projeto: lago de Sobradinho e lago de Itaparica. Segundo o governo federal a transposição será feita para fins humanitários, matar a sede de 12 milhões de pessoas e de animais na região do semi-árido nordestino e permitir o desenvolvimento sócio-econômico da região. Mas e o rio, como fica? Tem condições ambientais para a retirada de água? Segundo a carta aberta a população “Não a Transposição” do jornal O Tempo de 26/01/05, o rio São Francisco para doar água precisa de ter suas matas ciliares recompostas, seu volume de água aumentada, desassoreado, e esgotos canalizados. Precisa voltar a ser rico em peixes, isto é REVITALIZAÇÃO, este processo leva em torno de aproximadamente 20 a 25 anos. Segundo o projeto de transposição o governo federal propõe revitalizar e transpor ao mesmo tempo. Na verdade não se sabe o que pode ocorrer com o rio e nenhum especialista poderá prever as conseqüências totais dos impactos ambientais. E o povo ribeirinho o que pensa? E os trabalhos que ainda persistem no rio, como ficam essas pessoas? E o sustento de algumas famílias que ainda vem do rio. Segundo seu Valdemar de Borges em Pirapora-MG:

Eu acho que daqui a 20 ou 30 anos nós não vamos ter rio não, do jeito que o povo ta judiando com o rio. É um erro, eu sou contra, sei que não resolvo nada, mas não sou a favor da transposição da água do São Francisco. Vai acabar mais cedo. Eu não aceito isso não.

Será que as considerações desse povo de beira rio não serão ouvidas? E o povo, não terá participação nisso? Essa gente tem muito a ensinar, são verdadeiros conhecedores desse rio que é ciclo de água e de vida.

FIGURA 2: Carranca a margem do São Francisco – Cidade Itacarambi-MG, ano: 2005.
FONTE:Fotografia dos autores

Através da figura 2, pode-se exemplificar, que mesmo em pleno século XXI, as pessoas às margens do rio São Francisco continuam a reproduzir suas lendas e mitos, mesmo nessa época de intensa racionalização, é possível verificar que as crenças estão presentes, caracterizando as pessoas que vivem próximas deste rio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rio São Francisco, sendo visto como um mero acidente Geográfico, poderia justificar o tratamento que vêm sofrendo do poder público brasileiro, embora apenas pela sua grandiosidade como rio, merecesse um pouco mais de respeito; quando se toma este rio como o ponto de partida para caracterização cultural regional, análises simplesmente técnicas e geladas, laudos que atestam sua capacidade hidráulica, por mais sérios e isentos que possam ser, não conseguem quantificar o valor econômico, simbólico e sentimental que o rio desempenha para os moradores de suas margens e da bacia como todo. Portanto, uma intervenção dessa grandeza, deve basear-se na vontade e opiniões destas pessoas, que entendem o rio, não através de expressões, cálculos e números, mas que o vivem, que o sentem, como se ele corresse nas suas próprias veias, que produzem e reproduzem seus conhecimentos a cerca do rio, através das poesias, das histórias, das músicas e das cantigas e não por livros científicos, dissertações ou teses.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Repensando a pesquisa participante. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra. 3a ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

HARVEY, David. Condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

IANNI, Octávio. Teorias da Globalização. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço e tempo: razão e emoção. 3a ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SARMENTO, Francisco Jácome. Transposição do rio São Francisco: Realidade e obra a construir. Brasília: do autor, 2005.

UNGER, Nancy Mangabeira. Da foz a nascente: o recado do rio. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

VIANA, Gilney. SILVA, Marina. DINIZ, Nilo (org). O desafio da sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil. 1a ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.